

Enunciados de estilo telegráfico nas afasias: funcionamento linguístico-cognitivo sob uma visão integrada dos níveis linguísticos

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i2.2628>

Arnaldo Rodrigues de Lima¹

Resumo

A ausência e/ou substituição de palavras e morfemas considerados puramente gramaticais é o sinal que, tradicionalmente, define a chamada “fala telegráfica”. A instabilidade com os recursos gramaticais pode ser compreendida, a depender da teoria, como consequência direta de déficits específicos em cada um dos níveis linguísticos. O principal objetivo deste trabalho é desenvolver uma reflexão sobre o funcionamento gramatical destacando, sobretudo, o imbricamento dos níveis linguísticos e, por fim, ressaltar a necessidade de se considerar esse imbricamento na compreensão dos fenômenos linguístico-cognitivos, principalmente aqueles relacionados à produção de sujeitos afásicos considerados não-fluentes. A reflexão fundamenta-se na Neuropsicologia sócio-histórico-cultural, nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística enunciativo-discursiva e na Gramática Funcional do Discurso.

Palavras-chave: funcionamento linguístico-cognitivo; funcionamento gramatical; fala telegráfica; neurolinguística.

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil; arnaldolimanetto@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0915-4949>

Telegraphic style utterances in aphasia: linguistic-cognitive functioning under a linguistic levels integrated view

Abstract

Absenting and/or substituting words or morphemes that are considered purely grammatical in the discourse is the defining symptom of the so-called “telegraphic speech”. Depending on the theory, the instability with the grammatical resources may be considered a direct consequence of deficits in very specific language levels. In this text, we have addressed a discussion concerning the grammatical functioning aiming, overall, to uphold the notion that all linguistic levels are genetically imbricated in language functioning. It was also aimed to outstand the importance to consider this imbricated nature in order to blueprint a comprehension about linguistic-cognitive phenomena, mainly concerning the phenomena related to the linguistic production in nonfluent cases of aphasia. The reflection was grounded on socio-historic-cultural approach to Neuropsychology; on theoretic-methodological assumptions of Enunciative-Discursive Neurolinguistics and on the principles held by Functional Discourse Grammar.

Keywords: linguistic-cognitive functioning; grammatical functioning; telegraphic speech; neurolinguistics.

A “fala telegráfica” no contexto da Semiologia das afasias

Muito embora a classificação das afasias² tenha iniciado na segunda metade do século XIX – com os estudos clássicos de Broca (1861) e Wernick (1874) – a semiologia desse campo, ainda hoje, impõe questões fundamentais que desafiam os pesquisadores na descrição e compreensão dos fenômenos afasiológicos. A complexidade resulta da articulação de diferentes pressupostos teórico-metodológicos subjacentes às classificações dos sintomas e síndromes. Isto é, as classificações extrapolam a mera atividade de nomeação de sintomas e doenças por serem forjadas no interior de uma determinada perspectiva teórica que, de certa forma, orienta a maneira como os diversos fenômenos são abordados. Sobre essa questão, Novaes-Pinto e Santana (2009, p. 413) esclarecem que: “O próprio termo ‘semiologia’, embora geralmente usado no singular, abriga diferentes sistemas semiológicos, cada qual priorizando aspectos relacionados às ciências nas quais são originados”. As autoras ainda apontam que sistemas semiológicos tanto das abordagens orgânicas quanto de abordagens sociais se entrecruzam para o estabelecimento de uma compreensão equilibrada dos complexos fenômenos da linguagem humana.

2 Afasias são alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais focais, que geralmente, comprometem a linguagem em todas as suas modalidades: *oral* e *escrita*, bem como o funcionamento integrado dos níveis linguísticos (COUDRY, 1988 [1986]).

É nesse contexto que trazemos a definição do fenômeno que será abordado neste trabalho. A produção da chamada “fala telegráfica” é caracterizada, na literatura neuropsicológica, pela ausência e/ou substituição de palavras e morfemas funcionais (de classe fechada), cuja produção está associada à categoria clínica do agramatismo. Devido à instabilidade com os recursos gramaticais da língua, os enunciados tendem a ser sintaticamente³ mais curtos e, na maioria dos casos, a produção oral se torna laboriosa, mais lenta e cheia de pausas e hesitações. Desde os primeiros estudos, diferentes hipóteses sobre o funcionamento linguístico-cognitivo foram estabelecidas para compreender as dificuldades dos afásicos com os morfemas funcionais e com a organização gramatical dos enunciados. Independentemente do escopo da teoria, a relação entre pensamento e linguagem se constituiu como uma questão central para toda reflexão acerca da fala telegráfica⁴.

Arnald Pick cunhou o termo “agramatismo”, em 1913, e deu à sentença um papel mais central nas questões de processamento da linguagem. O autor interessou-se pelos “defeitos” na formação das frases, baseando-se nos postulados de Jackson (1874). Pick acreditava que a linguagem se organizava por *proposições*, cujo sentidos não estavam centrados nas palavras que as compõem, mas nas relações que as palavras estabelecem entre si. Por este motivo, a unidade de análise nas afasias deveria ser a *sentença*. Afirmou, ainda, que a ordem das palavras nas sentenças construídas pelos afásicos estaria intacta, apesar de mais curtas, sintaticamente simplificadas e requerendo menor esforço na sua formulação. Assim, apesar de produzir frases “defeituosas”, o autor argumentou que o afásico não teria problema com o raciocínio e conseguiria garantir a lógica das sentenças. A lesão cerebral não acarretaria um *déficit cognitivo* e, portanto, a fala telegráfica deveria ser entendida como “Notsprache” (do alemão, *fala emergencial*) ou, em outras palavras,

3 Em grande parte das pesquisas neurolinguísticas sobre o agramatismo, “sintaxe” e “gramática” são tomados como termos sinônimos. No entanto, é importante ressaltar que, nesta reflexão, adotamos uma concepção funcional do termo “gramática”. Nesse sentido, sintaxe e gramática se tornam conceitos distintos, principalmente por considerar que o funcionamento gramatical não prescinde de relações pragmático-discursivas e semântico-lexicais. Retomo, portanto, Neves (2018), quando afirma que um dos principais objetivos de uma gramática funcional é estabelecer relações entre *forma* e *sentido*. Ainda sobre esta questão, verificar: Camacho (1994, 2008, 2017), Hengeveld e Mackenzie (2008), Castilho (2010), Pezatti (2011), Keizer (2014, 2015), Lima (2017, 2019) e Souza-Cruz (2017).

4 Segundo Grodzinsky (1984), em 1876 Kussmaul criou o termo *akataphasia* para se referir à incapacidade de produzir palavras gramaticais e construir frases lógicas e sintaticamente bem organizadas. A partir da criação do termo, desenvolveu-se uma vasta discussão no campo da afasiologia sobre as questões envolvidas na dificuldade dos sujeitos afásicos para formular sentenças. Steinthal (1899 [1823] apud ELING;WHITAKER, 2010) desenvolveu uma teoria psicolinguística segundo a qual a linguagem seria apenas um meio para expressar ideias. A *afasia* causaria uma interrupção nos processos psicológicos relacionados ao nível de representação. Trata-se, portanto, de uma desordem no nível da palavra. Já a *akataphasia* seria uma desordem no nível da sentença e relacionada à dissolução da ordenação lógica do pensamento.

como um recurso adaptativo em função do déficit com a seleção de palavras gramaticais. Partindo dessa concepção, o termo *fala telegráfica* foi cunhado como uma metáfora para se referir a uma produção econômica e simplificada, principais características do gênero textual *telegrama*⁵.

A articulação teórico-metodológica da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva: em foco a produção dos enunciados de estilo telegráfico

A Neurolinguística é uma área que articula saberes de diferentes ciências, com o objetivo de compreender aspectos do funcionamento linguístico-cognitivo em estados considerados normais e também nas patologias. No entanto, esse campo caracteriza-se por uma pluralidade de concepções teóricas que, a depender de seus diferentes princípios e escopos, orientam não só as práticas metodológicas das pesquisas, mas, também, os procedimentos clínicos na formulação dos diagnósticos e diferentes condutas terapêuticas.

Este trabalho insere-se na Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, cujo principal objetivo é compreender o funcionamento linguístico-cognitivo, buscando explicar a relação entre cérebro e linguagem e incorporando questões relativas à subjetividade, e, por isso, expande suas possibilidades de articulação teórico-metodológica para além dos pressupostos desenvolvidos pelas Neurociências e pela Linguística. Sendo assim, a depender do fenômeno que está sendo abordado, a área articula aos seus princípios teórico-metodológicos de base questões desenvolvidas por diferentes áreas das ciências biológicas e psicológicas, dentre as quais: a Neuropsicologia, a Psicologia, a Fonoaudiologia e, também, das ciências sociais e humanas, como: a Antropologia, a Filosofia, a Sociologia, a Filosofia da Linguagem, a Semiótica, dentre outros⁶. A reflexão acerca da *produção de*

5 No âmbito da pesquisa neurolinguística e neuropsicológica, comparar a produção *oral* de sujeitos afásicos à produção *escrita* de um telegrama tem sido tema de debate, em função da metáfora que lhe dá origem. O debate baseia-se no argumento de que não há correspondência direta entre as estruturas gramaticais que aparecem em um telegrama e a produção linguística dos sujeitos afásicos – o que tornaria, portanto, a metáfora inadequada para referir-se ao fenômeno. Sobre isso, verificar os trabalhos de Tesak e Dittmann (1991); Tesak e Niemi (1997) e Kleppa (2008, 2018).

6 Esse modo de abordar os fenômenos linguístico-cognitivos é uma das principais características das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias GELEP/Lattes-CNPq. O grupo é liderado pela Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto e “visa desenvolver pesquisas acerca dos fenômenos relativos à linguagem no envelhecimento e nas patologias de origem neurológica (como afasias, demências, epilepsias, atrasos de desenvolvimento, etc.) num esforço conjunto para promover discussões críticas que permitam avançar no conhecimento do funcionamento linguístico-cognitivo”. Para uma descrição mais detalhada do trabalho, consultar Novaes-Pinto (2013), ou a apresentação institucional do grupo acessando o seguinte *link*: <https://www4.iel.unicamp.br/pesquisa/arquivos/gelep.pdf>

enunciados de estilo telegráfico, desenvolvida neste artigo, fundamenta-se na articulação de pressupostos teóricos de diferentes áreas, a saber (i) da Neurolinguística enunciativo-discursiva; (ii) da Neuropsicologia sócio-histórico-cultural e (iii) da Gramática Funcional do Discurso (doravante, GFD). Consideramos que o aprofundamento de questões da GFD no campo de estudos das afasias seja a principal contribuição deste estudo e que confere um caráter inovador na descrição e análise do enunciado de estilo telegráfico.

Nesse contexto, consideramos extremamente relevante apresentar a concepção de língua(gem) que orienta a investigação dos fenômenos, retomando Coudry (1988 [1986], p. 47, grifo nosso), na passagem em que a autora afirma que a abordagem discursiva em neurolinguística deve rejeitar uma teoria linguística que, por razões metodológicas:

[...] *exclua sejam os aspectos históricos e sociais da linguagem, seja a atividade do sujeito na situação efetiva da fala*. É necessário, portanto, superar dicotomias como *língua e fala, sistema e uso, competência e performance* para integrar em *uma concepção abrangente de linguagem o seu funcionamento*, na dimensão contextual e social em que os homens, por ela, atuam sobre os outros, na dimensão subjetiva em que, por ela, os homens se constituem como sujeito, na dimensão cognitiva em que, por ela, os homens atuam sobre o mundo estruturando a realidade.

Coudry (1988 [1986], p. 55, grifo nosso) elege como "*pedra angular*" o conceito de linguagem como *atividade constitutiva*, tal como formulada por Franchi (1977), quando o autor afirma que

A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado; mas um trabalho que dá forma ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do vivido que, ao mesmo tempo, constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. *Um trabalho coletivo*, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias.

Franchi, já na década de 70, visava delinear uma explicação de cunho funcionalista para os fenômenos da linguagem⁷. Uma das questões fundamentais para o desenvolvimento de suas hipóteses foi considerar que, embora a linguagem seja usada com o objetivo principal de comunicação, a sua função primordial é a *significação*. Nesse contexto, é necessário destacar uma questão epistemológica sobre a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. Apesar de não haver menções explícitas ao *Funcionalismo em*

⁷ O autor já evidencia isso no título de sua tese de doutorado *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*.

Linguística no texto fundador da área, que à época se apresentava como uma revolução teórica nos estudos neurolinguísticos⁸, é possível afirmar que, ao apresentar a noção de língua e linguagem enquanto *atividade constitutiva*, retomando Franchi, Coudry (1988 [1986]) circunscreveu a abordagem que propunha ao estudo das afasias no escopo das teorias funcionais.

Lima (2017) argumentou mais explicitamente a favor da articulação entre os pressupostos da Gramática Funcional e da Neurolinguística apontando, sobretudo, para a compatibilidade e a relevância teórico-metodológica do paradigma funcionalista no desenvolvimento de análises linguísticas mais abrangentes dos fenômenos afasiológicos. Segundo o autor, os princípios de uma Gramática Funcional permitem ao linguista considerar a complexidade e a gramaticalidade de enunciados fragmentados e incompletos produzidos em decorrência das dificuldades impostas pela afasia. Martinez-Ferreiro, Bastiaanse e Boye (2019) também argumentam sobre a relevância de abordar os fenômenos afasiológicos numa perspectiva funcional da linguagem. Segundo esses autores, os estudos funcionalistas no âmbito da neurolinguística ainda são escassos, mas podem trazer resultados promissores para a compreensão das afasias, principalmente quando se considera que mesmo os sujeitos afásicos estão o tempo todo circunscritos em contextos de constante interação social.

Considerando-se os pontos acima, defendemos a articulação teórico-metodológica entre a Neurolinguística de orientação discursiva e os princípios da GDF, por articular, de um lado, uma teoria neuropsicológica que assume a natureza dialética da relação entre pensamento e linguagem e, por outro, por abordar o funcionamento gramatical a partir de fatores pragmáticos e discursivos.

A relação entre pensamento e linguagem: a contribuição da abordagem sócio-histórico-cultural

O surgimento da linguagem foi, segundo Luria (1986), um fator decisivo para o desenvolvimento da atividade consciente. Devido às relações sociais e à divisão do trabalho, o homem sentiu a necessidade de uma comunicação mais efetiva. A princípio, a linguagem estava relacionada à prática imediata e tinha apenas o caráter *simprático*. Com o desenvolvimento das relações sociais em consequência do *trabalho* coletivo, o caráter *puramente prático* da linguagem deu lugar a um sistema de códigos muito sofisticado – um sistema *sinsemântico*. A linguagem passou, então, a veicular qualquer tipo de informação, mesmo que não estivesse relacionada diretamente a uma demanda

8 Sobre essa questão, ver Perotinho (2018) e Padilha (2018). Sobre a consolidação da Neurolinguística enunciativo-discursiva no escopo da Linguística verificar Coudry (2018), Novaes-Pinto (2012, 2018) e Possenti (2018).

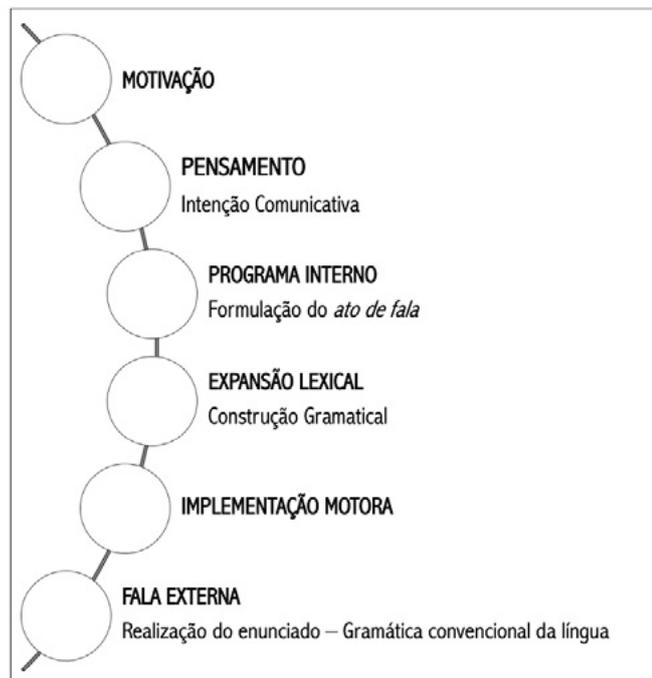
imediatas⁹. Luria (1986) afirma que a consciência do homem sustenta sua atividade racional e isso permite que ele adentre e opere em um sistema complexo e abstrato que só terá significação em um meio histórico e social. Nesse contexto, a linguagem é a responsável por estabelecer a mediação entre o *sujeito*, o *outro* e a *cultura*. Em outras palavras, por meio do seu sofisticado sistema de códigos, a linguagem é a base do pensamento abstrato do homem. Pelo uso social e arbitrário do signo linguístico, o homem tornou-se filogeneticamente diferenciado das outras espécies.

Segundo Vygotsky (2009 [1934]), existe uma relação *não estática* entre pensamento e linguagem, justamente pelo fato de essa relação dialética ser essencialmente mediada pela interação do homem com a história e a cultura. Um dos postulados de Vygotsky relativos à relação entre linguagem e pensamento é que há, *qualitativamente*, duas sintaxes – uma do *sentido*, ligada à *linguagem interna* e subjetiva, e outra relacionada à *fala externa*, que veicula um *significado* compartilhado, nas interações sociais. Para o autor, as estruturas dessas sintaxes não coincidiriam, uma vez que na primeira a palavra é como um “coágulo de sentidos”, compreensível apenas para o próprio sujeito; na segunda, por outro lado, os sentidos precisam ser estruturados para um interlocutor, de acordo com as regras gramaticais específicas de uma determinada língua.

Segundo Akhutina (2014 [1975], 2014 [2003] e 2007), autora que vem reinterpretando as formulações de Vygotsky à luz da Neuropsicologia contemporânea, a construção de um enunciado se dá em vários níveis. A produção do enunciado envolve operações com uma *sintaxe interna* e, ao mesmo tempo, com a *sintaxe convencional* (e partilhada) de uma determinada língua. Apesar de constituírem o mesmo processo, cada uma dessas sintaxes conta com seu próprio léxico e regras específicas. O *estilo telegráfico*, para a autora, seria uma manifestação da dificuldade dos sujeitos afásicos para operar com os recursos convencionais do sistema linguístico que é, por sua vez, socialmente compartilhado. Essa perspectiva dinâmica e integrada da relação entre pensamento e linguagem, tal como proposta por Vygotsky, influenciou decisivamente os modelos teóricos que visavam explicar o processo de formulação do enunciado, desenvolvidos posteriormente por Leontiev (1969), Luria (1986), e Akhutina (2014 [1975], 2014 [2003], 2007). Para dar visibilidade a essa concepção, apresentamos a hipótese elaborada por Leontiev (1969), que pode ser sintetizada pelo seguinte esquema:

9 Para um maior aprofundamento sobre este tópico, ver Novaes-Pinto (2010, 2014) e Souza-Cruz (2017), que retoma essas questões para refletir sobre a categorização, fenômeno que relaciona pensamento e linguagem.

Figura 1. Modelo de Leontiev (1969) para a estrutura de *um ato de fala*



Fonte: Leontiev (1969)

De acordo com as formulações de Leontiev (1969), o ato de fala – ou o processo de formulação de um enunciado – deve ser abordado enquanto uma *atividade psicológica*¹⁰. Para fundamentar tal reflexão, é necessário compreender a noção de *atividade*, tal como proposta por Leontiev, como uma estrutura resultante de três estágios: (i) a formulação de um plano de ação, (ii) a implementação desse plano e, finalmente, (iii) a análise da execução da ação, considerando-se o plano inicialmente estabelecido. É importante, no entanto, destacar que Leontiev considera a linguagem como elemento fundamental para a mediação e integração interfuncional de todos os estágios desse processo. Vários pesquisadores têm se debruçado sobre a centralidade da linguagem nas formulações teóricas sobre a noção de *atividade*, na abordagem sócio-histórico-cultural, dentre os quais destaco Cole (1996), Akhutina (2007), Alanen e Pöyhönen (2007) e Solovieva *et al.* (2019).

Ao analisar o processo de formulação de um enunciado, é bastante importante compreender que, nessa perspectiva, *motivação* e *intenção comunicativa* não se confundem. Isto é, muito embora a produção do enunciado se inicie com a motivação, este estágio é caracterizado como uma necessidade empírica, podendo ter, muitas vezes, uma gênese

¹⁰ Embora o conceito de atividade seja bastante complexo e relevante na teoria neuropsicológica desenvolvida pelos autores da abordagem sócio-histórico-cultural não o desenvolverei minuciosamente, neste texto.

externa ao sujeito. A intenção comunicativa, por sua vez, seria um estágio consciente, desencadeado à medida em que o indivíduo atribuiu sentido a uma determinada necessidade. O intuito discursivo não prescinde do *pensamento discursivo*. Isso equivale dizer que a intenção comunicativa já é constituída por linguagem. Essa diferença é central para a compreensão da natureza dialética do processo pensamento-linguagem, uma vez que considera a influência do meio e da cultura para o desenvolvimento linguístico-cognitivo.

Feita essa diferenciação, vemos que os estágios posteriores ao estabelecimento do intuito discursivo destacam a natureza do trabalho epi- e metalinguístico necessário para produzir significação por meio de um enunciado. O sujeito precisa “programar” seu ato discursivo e, conseqüentemente, formular *o quê* precisa ser dito e *como* será dito. Dessa maneira, é possível perceber que estágio de planejamento da ação (programa interno) está intimamente imbricado ao estágio da construção gramatical. De acordo com as formulações de Vygotsky, o sujeito estaria operando, simultaneamente, com a *sintaxe interna* e a *sintaxe externa*, pelo fato de que precisa transformar seus sentidos subjetivos e psicológicos em significações intersubjetivas e sócio-historicamente estabelecidas, passíveis de serem compartilhadas no momento da interlocução. O enunciado, nesse sentido, não é a tradução de um pensamento e, tampouco, o estágio final do ato de fala. O processo de formulação de um enunciado demandará operações gramaticais que integram aspectos semânticos e morfossintáticos sendo sempre analisados pelos sujeitos sob a lente da cultura e das determinações pragmático-discursivas. Assim, muito embora a fala externa seja a realização desse processo complexo, o sujeito sempre avalia o sucesso de sua atividade, em função de seu intuito comunicativo, ao mesmo tempo em que (re)organiza seus enunciados.

O processo de formulação do ato discursivo: contribuições da Gramática Funcional do Discurso

Muito embora seja consensual, entre os linguistas, considerar a noção de “nível” apenas enquanto abstração teórica necessária para descrever, explicar e analisar o complexo funcionamento da linguagem, os modelos neuropsicológicos tentam estabelecer, por meio da correlação dos sintomas, em qual nível linguístico estaria o *déficit* ocasionado pelos comprometimentos cerebrais¹¹. A correlação direta entre um determinado item semiológico e uma função específica da linguagem pode ser observada, por exemplo,

¹¹ A respeito da produção da fala telegráfica e sua relação com o agramatismo, Novaes-Pinto (1992, 1997, 1999, 2018, 2020) apresenta os principais questionamentos feitos sobre a natureza do fenômeno. A autora esclarece que os autores discordam quanto a questões centrais como, por exemplo, o fato de ser descrito como um déficit de conhecimento ou de desempenho linguístico. Questionam se o distúrbio impacta um nível específico da *língua* ou a articulação de um nível com os demais. Em outras palavras, se deveria ser compreendido como um déficit de “processamento” linguístico. Os autores questionam, ainda, se a produção do estilo teleográfico

nas formulações de Menn e Obler (1990), quando as autoras tentam delimitar os objetivos e o escopo da neurolinguística enquanto disciplina das neurociências. Segundo as autoras, o principal objetivo da área seria desenvolver uma teoria capaz de explicar o *processamento normal* da linguagem no cérebro humano, atribuindo aos estudos das afasias a possibilidade de correlacionar, a partir das lesões, estruturas cerebrais específicas com distúrbios do desempenho ou do conhecimento linguístico de um indivíduo. A argumentação proposta neste texto vai na contramão dessas correlações diretas e visa explicar os fenômenos afasiológicos considerando o *imbricamento* dos níveis linguísticos e, portanto, sua indissociabilidade no funcionamento da linguagem (NOVAES-PINTO, 1999, 2018, 2020). É nesse contexto que passamos a discutir alguns conceitos centrais, desenvolvidos pela *Gramática Funcional do Discurso* para justificar como seu aparato teórico, articulado aos princípios da Neurolinguística enunciativo-discursiva, é coerente para a abordagem teórico-metodológica da fala telegráfica.

Segundo Keizer (2015), a GDF adota como princípio de base que a produção dos enunciados se dá numa relação que se origina *da função para forma*. Isto é, aspectos pragmáticos desencadeiam relações semânticas. Relações pragmático-semânticas governam as relações morfossintáticas e, por sua vez, as relações pragmático-semântico-morfossintáticas determinam as relações fonológicas. Considerando esse princípio, destacamos que a GDF é uma *teoria gramatical*¹² que visa articular, em suas descrições e análises, dois aspectos fundamentais da linguagem: as línguas se estruturam de forma complexa e, também, se adaptam funcionalmente a partir das necessidades de comunicação entre seres humanos. Nessa perspectiva, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 3, tradução nossa¹³) apontam que

[...] a GDF tem por objetivo compreender como as unidades linguísticas são estruturadas em termos do mundo em que elas descrevem, das intenções comunicativas em que elas são produzidas e, como tudo isso é modelado numa implementação gramatical dinâmica. Isto é, a sequência de etapas que o analista precisa compreender para revelar a natureza de um fenômeno particular.

Nessa perspectiva, a GDF elege o “ato discursivo” como a unidade básica de análise. Os autores esclarecem que o termo *discurso* é relevante para a denominação da teoria, já que ela pretende reconhecer o impacto que os aspectos discursivos exercem sobre as formas

poderia ser compreendida como um sintoma definidor da síndrome agramática ou se poderia ser considerado um sinal de evolução do quadro clínico dos sujeitos afásicos.

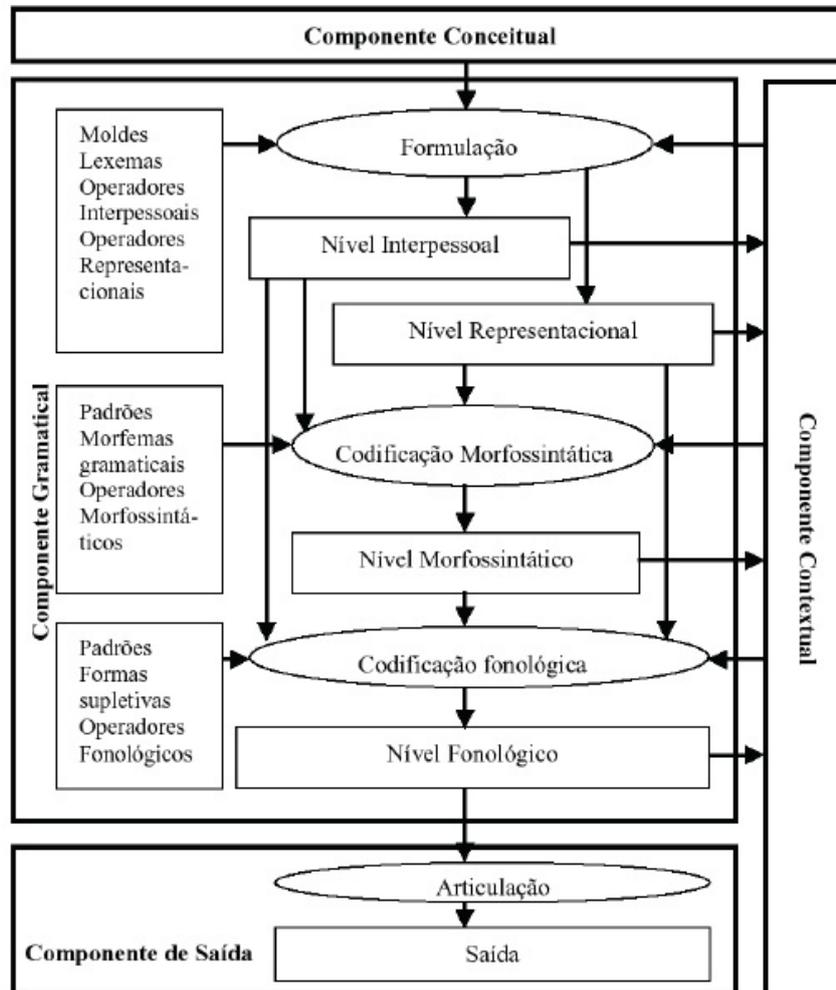
12 Para aprofundar essa questão, verificar Pezatti (2011, p. 34).

13 No original: “FDG aims to understand how linguistic units are structured in terms of the world they describe and the communicative intentions with which they are produced, and models this in a dynamic implementation of the grammar, i.e. the sequence of steps that the analyst must take in understanding and laying bare the nature of a particular phenomenon”.

linguísticas. A esse respeito, Camacho (2008) afirma que uma consequência teórica da eleição do *ato discursivo*, como unidade básica de análise, é a possibilidade de observar e teorizar sobre as formas linguísticas maiores ou menores que a oração. Considerando, portanto, que os enunciados de sujeitos afásicos, em especial os considerados não-fluentes, muitas vezes, são estruturalmente fragmentados e constituídos por recursos não-verbais, a articulação dos pressupostos da GDF com os da Neurolinguística enunciativo-discursiva pode contribuir de maneira extremamente relevante para a compreensão da natureza das dificuldades dos afásicos com os aspectos gramaticais na formulação de seus enunciados.

O modelo teórico da GDF é extremamente complexo. Neste artigo, trazemos apenas alguns aspectos gerais que nos ajudam a pensar na produção da fala telegráfica tanto em relação às dificuldades dos sujeitos afásicos, quanto com suas possibilidades de adaptação ao contexto comunicativo. As análises gramaticais dos enunciados na GDF são feitas considerando-se uma organização do tipo *top-down*. O ato discursivo inicia-se na *intenção comunicativa do falante* e culmina-se na produção do enunciado. Para Hengeveld e Mackenzie, um modelo gramatical será mais efetivo à medida que traga à tona características do processo de formulação de um enunciado por um determinado indivíduo. A fim de dar visibilidade ao modelo, segue-se um esquema e uma breve explicação dada pelos autores sobre o que ocorreria ao longo do processo de produção de um enunciado.

Figura 2. Modelo Geral da GDF



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008)¹⁴

Duas operações principais devem ser distinguidas em um modelo descendente de construção de um enunciado: a “formulação” e a “codificação”. A primeira diz respeito às regras que determinam as representações pragmáticas e semânticas válidas em uma língua. A segunda diz respeito às regras que convertem essas representações semânticas e pragmáticas em representações morfosintáticas e semânticas. A operação da formulação envolve três processos interligados: a seleção de *frames* apropriados para os níveis Interpessoal e Representacional, a inserção de lexemas apropriados para preencher esses *frames* e a aplicação de operadores simbolizando as distinções gramaticais necessárias na língua

¹⁴ Versão traduzida, retirada de Camacho (2017).

em análise. Decodificar, também, envolve três processos: a seleção de modelos apropriados para os níveis morfossintáticos e fonológicos, a inserção de morfemas gramaticais – livres e presos – e a aplicação de operadores que desenvolvem um papel no processo de articulação do “output” da gramática. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 2, tradução nossa¹⁵).

Essa síntese feita pelos autores nos permite entrever a principal semelhança entre o modelo da GDF e as concepções teóricas adotadas e desenvolvidas pela Neuropsicologia sócio-histórica, representadas por Vygotsky (2007 [1978], 2009 [1934]). As duas perspectivas consideram que há dois estágios principais que constituem o processo de formulação de um enunciado. Além disso, o modelo da GDF pressupõe uma integração funcional dos aspectos semânticos, morfossintáticos e fonético-fonológicos ao longo do processo. Nesse contexto, a GDF proporciona um rico aparato teórico para as pesquisas que encontram na Linguística um posto de observação para a compreensão do funcionamento linguístico-cognitivo, seja na normalidade ou nas patologias, pois disponibiliza uma teoria linguística sobre o funcionamento gramatical que, por sua vez, é alinhada aos principais pressupostos teórico-metodológicos que vêm orientando os trabalhos no âmbito da Neurolinguística enunciativo-discursiva, desenvolvidos a partir da segunda metade da década de 80 e, desde então, abordando os níveis linguísticos de maneira integrada na abordagem neurolinguística dos fenômenos.

Funcionamento gramatical: inferências a partir da produção de enunciados de estilo telegráfico

A fim de dar visibilidade para as questões apresentadas até o momento, trago um dado em que os enunciados produzidos por um sujeito afásico – caracterizados como telegráficos – evidenciam as suas dificuldades com aspectos gramaticais específicos da língua. O dado emergiu em uma situação dialógica durante uma reunião do grupo 3 do Centro de

15 No original: “Two major operations have to be distinguished in the top-down construction of utterances: FORMULATION and ENCODING. Formulation concerns the rules that determine what constitute valid underlying pragmatic and semantic representations in a language. Encoding concerns the rules that convert these pragmatic and semantic representations into morphosyntactic and phonological ones. The operation of formulation involves three interlinked processes: the selection of appropriate frames for the Interpersonal and Representational Levels; the insertion of appropriate lexemes into these frames and the application of operators symbolizing the grammatical distinctions required in language under analyses. Encoding also involves three processes: the selection of appropriate templates for the Morphosyntactic and Phonological Levels; the insertion of free and bound grammatical morphemes; and the application of operators that play a role in the process of articulating the output of the grammar”.

Convivência de Afásicos¹⁶. O episódio refere-se à produção de TR¹⁷ durante o início de uma sessão de acompanhamento individual com o pesquisador lar¹⁸, em 04/04/2016.

Turno	Sujeito	Enunciado
01	lar	É importante cuidar da saúde!
02	TR	Tudo, tudo... Tudo.
03	lar	Não pode descuidar.
04	TR	Oh! Hoje, hoje, hoje... Homem, homem <small>[faz sinal mostrando os cabelos balançando]</small> ¹⁹
05	lar	Seu JF? ²⁰
06	TR	Não, não... Homem.
07	TR	<small>[Faz sinal com o dedo, apontando para a direção da sala da sessão coletiva]</small> homem, homem <small>[faz gesto mostrando os cabelos balançando]</small>
08	lar	Ah! O BS?
09	TR	Isso, isso... Olha! <small>[coloca as mãos na cabeça, como sinal de indignação]</small>
10	lar	Você está falando do amigo do BS, que teve um infarto?
11	TR	Isso, isso, isso.
12	lar	Nossa, muito novo, né, TR?
13	TR	Isso. Tudo, tudo... Olha, olha, olha.
14	lar	É, a gente fica assustado quando isso acontece, né?
15	TR	Nossa, tudo! Janaína, Marcelo... ²¹ Obrigado. Tudo, tudo, tudo. Olha.

16 O grupo 3 do CCA/IEL/UNICAMP é coordenado pela Profa. Dra. Rosana Novaes, que desenvolve, desde 2006, um trabalho de *extensão comunitária* promovendo encontros entre afásicos e não-afásicos. As atividades do grupo propiciam interação e, também, o estabelecimento de laços interpessoais. No decorrer das sessões semanais, são desenvolvidas, conjuntamente, estratégias para lidar com as dificuldades, privilegiando, sobretudo, o que ainda está presente e não apenas o que falta na língua(gem) impactada pela patologia.

17 Todos os sujeitos serão referidos apenas por siglas para preservar a privacidade e confidencialidade, acordadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNICAMP. TR nasceu em 1954, brasileira, casada, auxiliar de enfermagem aposentada, com ensino fundamental completo. Aos 44 anos TR tornou-se afásica em consequência de um AVCi (Acidente Vascular Cerebral isquêmico) que provocou uma lesão na região fronto-parietal à esquerda.

18 Interlocutor não-afásico, pesquisador do GELEP/CCA.

19 Os enunciados não-verbais foram descritos entre colchetes [enunciado não-verbal].

20 JF, sujeito afásico que à época frequentava as reuniões do CCA.

21 Os nomes Janaína e Marcelo são pseudônimos que referem ao nome da filha e do genro de TR.

16	Iar	Eu fico assustado também, quando isso acontece.
17	TR	Onde? Tudo! Olha!
18	Iar	Mas, você está falando do BS?
19	TR	Isso, isso!
20	Iar	Ou do amigo dele?
21	TR	Não, não... Isso! [apontando para a direção da sala da sessão coletiva].
22	Iar	Muito jovem, né TR?
23	TR	Nossa, nossa... Tudo! Mamãe? Papai? Não? [faz gesto que indica indignação com as mãos e cabeça] homem, homem! Ai, Deus! Tudo, tudo... Homem, homem. Onde? Onde? Olha!
24	Iar	E você pensando que era a mãe?
25	TR	Mamãe? Não?! Olha! [faz gesto que indica indignação] Deus! Onde? Onde?
26	Iar	Dá um susto, né, TR? Quando é muito jovem assim, a gente não espera, né?
27	TR	[Faz gesto que indica indignação com a cabeça] Mamãe, não! Ai, meu Deus!
28	Iar	É como minha mãe fala... Toma cuidado! Cuide da saúde! Vá ao médico!

Inicialmente, é necessário destacar dois princípios cruciais para a análise deste episódio, que dizem respeito tanto à necessidade do conhecimento compartilhado entre os sujeitos – diretamente relacionado ao contexto da produção dos enunciados – quanto aos aspectos éticos que orientam a forma de interação entre o pesquisador e TR. Vale ressaltar que Iar desenvolve conjuntamente com TR todo o processo de significação. Sobre essa interlocução, e, com o objetivo de propor uma análise linguística mais abrangente, é preciso sublinhar duas informações relevantes sobre o contexto e o conteúdo da interação do referido episódio.

BS, sujeito ao qual TR se refere, sofreu um AVC em outubro de 2013, quando tinha apenas 24 anos de idade. Vale ressaltar que, desde o início do funcionamento do grupo 3 do CCA, em 2006, BS foi o primeiro sujeito muito jovem a integrar as atividades. Na ocasião de sua primeira participação no grupo, em março de 2014, BS chegou acompanhado de sua mãe. É a este episódio que TR se refere na sessão de abril de 2016, quando lembrou o dia em que conheceu BS e, então, resolveu contar a Iar sobre sua surpresa, ao saber que um rapaz tão jovem estava afásico²².

22 O tema desenvolvido na sessão era sobre *cuidar da saúde* e veio à tona porque, nesse dia, o sujeito BS contou ao grupo que um de seus amigos, muito jovem, havia falecido em decorrência de um infarto. Iar ressaltou a importância de se manter os exames atualizados, de ter uma alimentação saudável etc.

O modelo da GDF adota como princípio a relação *interfuncional* entre os componentes *conceitual*, *contextual*, *gramatical* e o *componente de saída*. O *componente conceitual* é constituído por elementos *pré-linguísticos* relacionados a fatores pragmáticos envolvidos num ato discursivo. O *componente contextual*, por sua vez, contém as informações *não-linguísticas* mobilizadas em uma interlocução. Esses componentes interagem diretamente com o *componente gramatical*, possibilitando que tanto elementos *pré-* quanto *não-linguísticos* sejam gramaticalmente codificados, de acordo com as possibilidades oferecidas pelo sistema de uma determinada língua. Por fim, o *componente de saída* opera na realização acústica, ortográfica ou sinalizada da codificação gramatical. Assim, voltamos à formulação de Keizer (2015) para enfatizar que a GDF tenta compreender o funcionamento gramatical de uma língua através de uma relação *função-forma*. Essa concepção permite que aspectos relacionados ao contexto situacional, ao conhecimento compartilhado entre os interlocutores e às questões sócio-históricas sejam indissociáveis do funcionamento gramatical.

Na transcrição do dado, é possível perceber as dificuldades de TR com os aspectos gramaticais da língua²³. Em seus enunciados não há preposições, verbos, conjunções, dentre outras categorias funcionais. No âmbito da GDF, podemos argumentar que as estruturas sintaticamente fragmentadas, sem produção de palavras funcionais constituem-se como enunciados²⁴ gramaticalmente complexos. TR, além de se valer do contexto, do tópico discursivo e de toda a situação pragmática que estavam imbricadas na interação, também se apoiou nos enunciados de lar para estabelecer relações dêiticas (semântico-gramaticais) para a sua narrativa. Sobre esse aspecto, retomo os turnos 18 a 21:

Turno	Sujeito	Enunciado
18	lar	Mas, você está falando do BS?
19	TR	Isso, isso!
20	lar	Ou do amigo dele?
21	TR	Não, não... Isso! [apontando para a direção da sala da sessão coletiva].

23 Como já foi apontado, os estudos sobre a chamada fala telegráfica e sua relação com o agramatismo privilegiam suas descrições e análises em termos de *perdas* e *déficits*. A depender da teoria, os déficits são atribuídos a diferentes níveis, como o fonético-fonológico, morfológico ou, então, semântico-lexical. Muito embora a literatura seja respaldada por diferentes concepções, a maioria dos estudos encontra na instabilidade com os recursos gramaticais o principal *sintoma* que permite associar as dificuldades dos sujeitos afásicos com os recursos gramaticais da língua a um *déficit sintático central*.

24 O termo “enunciado deve ser compreendido”, neste texto, está tal como foi formulado por Bakhtin (1997). A esse respeito, no âmbito dos estudos neurolinguísticos, ver Novaes-Pinto (1999).

Nesse ponto da interação, é possível entrever que TR pôde garantir que estava, de fato, falando sobre BS apenas no turno 21, quando estabeleceu uma relação dêitica “Não, não... Isso! [apontando em direção à sala da sessão coletiva]”. A resposta de TR foi elaborada em função das perguntas feitas por lar nos turnos 18 e 20. As relações interfuncionais das formas linguísticas destes enunciados (perguntas de lar e respostas de TR) nos fazem retomar a noção de *ato discursivo*, enquanto unidade básica de análise, com o objetivo de identificar relações gramaticais complexas que extrapolam o nível da oração.

Além desses aspectos, também é possível entrever o trabalho *epi-* e *metalinguístico* operado por TR para estabelecer correlações gramaticais, funcionais e significativas para sua narrativa. Sobre esses aspectos, retomo os turnos 23 a 27:

Turno	Sujeito	Enunciado
23	TR	Nossa, nossa... Tudo! Mamãe? Papai? Não? [faz gesto que indica indignação com as mãos e cabeça] homem, homem! Ai, Deus! Tudo, tudo... Homem, homem. Onde? Onde? Olha!
24	lar	E você pensando que era a mãe?
25	TR	Mamãe? Não?! Olha! [faz gesto que indica indignação] Deus! Onde? Onde?
26	lar	Dá um susto, né, TR? Quando é muito jovem assim, a gente não espera, né?
27	TR	[Faz gesto que indica indignação com a cabeça] Mamãe, não! Ai, meu Deus!

Ao analisarmos este trecho da interação, temos fortes indícios para afirmar que a intenção comunicativa de TR era demonstrar o quanto ficou surpresa ao perceber que um rapaz tão jovem estava afásico. Para produzir tal significação, TR, no turno 23, estabeleceu correlações sintáticas – relativas à ordem das palavras – e, também, recorreu aos aspectos fonológicos – representados pela alternância prosódica em cada palavra do enunciado; ora indicando dúvida [?],²⁵ ora indicando surpresa e/ou consternação [!]. Esses elementos, por sua vez, garantiram a compreensão de seu interlocutor. Todos esses aspectos vêm à tona na formulação da pergunta de lar, no turno 24: “E você achando que era a mãe?”. Em relação a isso, vemos que as palavras [*mamãe, papai, não, homem e Deus*] tiveram suas determinações semânticas e gramaticais estabelecidas pela ordem em que apareceram e, ao mesmo tempo, pelas modulações prosódicas que TR deu a essa combinação. Essa hipótese pode ser corroborada, ainda, a partir do momento que analisamos a resposta dada no turno 25. Nesse momento da interação, o intuito comunicativo, embora intrinsecamente relacionado ao do turno 23, era diferente. Isto é, TR agora precisava confirmar que a interpretação de lar, sobre o que ela havia dito, estava

25 As marcações gráficas na transcrição do dado visam representar os aspectos prosódicos dos enunciados.

correta. Sendo assim, o trabalho *epi-* e *metalinguístico* desempenhado por ela se torna ainda mais evidente. Percebemos que TR, ancorada na pergunta de seu interlocutor, produz seu enunciado lançando mão dos mesmos elementos usados anteriormente, operando nos recursos de seleção, combinação e modulação prosódica. Essa mesma estratégia continuou sendo utilizada por TR, no turno 27, momento no qual seu principal intuito comunicativo foi linguisticamente “codificado”. Por meio do enunciado não-verbal “[Faz gesto que indica indignação com a cabeça] e produz Mamãe, não! Ai, meu Deus!”, TR conseguiu manifestar a sua indignação ao perceber que BS, apesar de tão jovem, estava afásico.

Sublinhar estes aspectos se torna fundamental para compreendermos os motivos pelos quais uma análise linguística pautada nos princípios da GDF pode contribuir para a compreensão da produção do estilo telegráfico nas afasias. Portanto, neste contexto, ressaltamos que as análises dos dados de afasia precisam considerar *o trabalho epi- e metalinguístico* realizado pelos sujeitos e as suas estratégias para driblar as dificuldades, a fim de alcançar o seu intuito discursivo. A reflexão desenvolvida neste artigo visou também defender, assim como já propunha Pick no início do século XX, que a afasia não é um déficit intelectual e que tornar-se afásico não significa perder a *subjetividade* ou a capacidade de formular pensamentos e nem enunciados.

Conforme dito anteriormente, a partir dos princípios da GDF, é possível defender que os enunciados são produzidos e compreendidos exatamente porque *não prescindem de uma complexa relação gramatical*. Os dados permitem entrever o imbricamento de aspectos fonológicos, morfossintáticos, semântico-pragmáticos e discursivos no funcionamento gramatical e, portanto, dão visibilidade à indissociabilidade dos níveis linguísticos no processo de produção e compreensão da linguagem. Nesse contexto, destacamos que os dados de afasia permitem, como afirma Coudry (1988 [1986]), exibir esse funcionamento em câmera lenta, desintegrando o que é em princípio integrado e dissociando o que não é dissociável no funcionamento normal da linguagem²⁶.

Agradecimentos

Este artigo teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, segundo os processos n. 2017/26777-2 e n. 2019/24150-8.

26 Essa reflexão vem sendo desenvolvida, desde 2013, por Novaes-Pinto no âmbito do GELEP e sendo integrada ao escopo das pesquisas que investigam as *Dificuldades de Encontrar Palavras* – referidas na literatura neuropsicológica como Word Finding Difficulties (WFD) – e fenômenos associados. Sobre essa questão ver Novaes-Pinto (1999, 2009), Lima (2017), Lima e Novaes-Pinto (2017) e Novaes-Pinto (2018).

REFERÊNCIAS

ALANEN, R.; PÖYHÖNEN, S. Introduction. In: ALANEN, R.; PÖYHÖNEN, S. *Language in Action: Vygotsky and Leontievian Legacy Today*. New Castle: Cambridge Scholars Publishing, 2007. p. 1-7.

AKHUTINA, T. V. Is agrammatism an Anomaly? *Journal of Russian and East European Psychology*, Moscow, v. 4, Issue 3-4, p. 75-95, dez. 2014 [2003]. DOI: <https://doi.org/10.2753/RPO1061-040541030475>

AKHUTINA, T. V. The role of Inner Speech in the Construction of an Utterance. *Journal of Russian and East European Psychology*, Moscow, v. 4, Issue 3-4, p. 49-74, dez. 2014 [1975]. DOI: <https://doi.org/10.2753/RPO1061-040541030449>

AKHUTINA, T. V. Vygotsky-Luria-Leontiev's School of Psycholinguistics: The Mechanism of Language Production. In: ALANEN, R.; PÖYHÖNEN, S. *Language in Action: Vygotsky and Leontievian Legacy Today*. New Castle: Cambridge Scholars Publishing, 2007. p. 32-56.

BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BROCA, P. *Perte de la parole, ramollissement chronique de destruction partielle du lobe antérieur gauche du cerveau*. Paris: Bull Soc Anthropol, 1861.

CAMACHO, R. G. O papel do contexto social na teoria linguística. *Alfa*, São Paulo, v. 38, n.1, p. 19-36, 1994.

CAMACHO, R. G. Alinhamento e estratégias de relativização. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 243-266, mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445037085585369827>

CAMACHO, R. G. Funcionalismo Holandês: da Gramática Funcional a Gramática Funcional do Discurso. *Signótica*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 167-180, abr. 2008. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v0i0.3645>

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COLE, M. *Cultural psychology: A once and future discipline*. Harvard: Harvard University Press, 1996.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: afasia e discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ELING, P.; WHITAKER, H. History of Aphasia: from brain to Language. *Handbook of Clinical Neurology*, v. 95, n. 1, p. 571-582, 2010.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 9-39, jun. 1992 [1977]. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v22i0.8636893>

GRODZINSKY, Y. The syntact characterization of Agrammatism. *Cognition*, Amsterdam, v. 16, n. 2, p. 99-120, 1984. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(84\)90001-5](https://doi.org/10.1016/0010-0277(84)90001-5)

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008. DOI: [10.1093/acprof:oso/9780199278107.001.0001](https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199278107.001.0001)

JACKSON, H. On the nature of the duality of the brain. *Medical Press and Circular*, Dublin, v. 1, p. 80-86, January 14th, 1874.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KEIZER, E. Context and Cognition in Functional Discourse Grammar. *Pragmatics*, v. 24, n. 2, p. 399-423, 2014.

KLEPPA, L. Telegramas e 'fala telegráfica'. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 557-572, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v47i2.1936>

KLEPPA, L. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem ou "Eu e você? Diferente"*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

KUSSMAUL, A. *Die Storugen der Sprache*. Versucheiner pathologie der sprache. Vogel. Leipzig, 1877.

LEONTIEV, A. Psycholinguistic units and the production of Verbal Utterances. Moscou, 1969.

LIMA, A. R. *As palavras funcionais nos enunciados de sujeitos afásicos*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

LIMA, A. R. *Uma abordagem funcional para os enunciados de estilo telegráfico: contribuições para o estudo da relação entre pensamento e linguagem*. Projeto de Doutorado-Sanduiche. BEPE – FAPESP, 2019.

LIMA, A. R.; NOVAES-PINTO, R.C. A chamada “fala telegráfica” e sua relação com as dificuldades de encontrar palavras: uma reflexão a partir de enunciados de sujeitos afásicos não-fluentes. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 715-729, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1624>

LURIA, A. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artmed Editora, 1986.

MARTINEZ-FERREIRO, S.; BASTIAANSE, R.; BOYE, K. Functional and usage-based approaches to aphasia: the grammatical-lexical distinction and the role of frequency. *Aphasiology*, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/02687038.2019.1615335>

MENN, L.; OBLER, L. K. *Agrammatic Aphasia: a cross-language narrative study*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 1990.

NEVES, M. H. M. *Gramática Funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

NOVAES-PINTO, R. C. Do fonológico ao discursivo: hipóteses sobre a produção da chamada “fala telegráfica” no contexto das afasias. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 135-151, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i1.2624>

NOVAES-PINTO, R. C. Qualitative Research in Neurolinguistics: the case of Word Finding Difficulties and related phenomena. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 425-451, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8653310>

NOVAES-PINTO, R. C. *Funcionamento semântico-lexical: inferências a partir do estudo das afasias*. Projeto de Pesquisa (Bolsa de Produtividade do CNPq), 2014.

NOVAES-PINTO, R. C. A Socio-Cultural Approach to Aphasia: contributions from the work developed at a Center for Aphasic Subjects. In: TAN, U. (ed.). *Latest Findings in Intellectual and Developmental Disabilities Research*. Rijeka: IntechOpen, 2012. p. 219-244. DOI: <https://doi.org/10.5772/28256>

NOVAES-PINTO, R. C. *Dificuldades de encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias e nas demências: inferências para o estudo da organização e do acesso lexical*. Projeto de pesquisa (Bolsa de Produtividade do CNPq), 2010.

NOVAES-PINTO, R. C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

NOVAES-PINTO, R. C. Agramatismo e processamento normal da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 32, n. 1, p. 73-85, 1997. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v32i0.8636950>

NOVAES-PINTO, R. C. *Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das Afasias: uma discussão crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300012>

PADILHA, A. M. L. A obra de Maria Irma Hadler Coudry: Neurolinguística Discursiva como Revolução Conceitual-Metodológica para os estudos da Educação Especial. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 368-383, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8648558>

PEROTTINO, S. Neurolinguística Discursiva e transmissão – a questão da autoria. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 351-367, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8648717>

PEZATTI, E. G. GDF: Uma teoria gramatical ou uma teoria do uso? In: I Simpósio de Linguística Funcional – SILF, Três Lagoas, 2011.

POSSENTI, S. Sobre o Diário de Narciso. Ainda. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 562-565, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8653125>

PICK, A. *Die agrammatischen Sprachstörungen*. Berlin: Spring, 1913.

SOLOVIEVA, Y.; ROJAS, L. Q.; AKHUTINA, T.; HAZIN, I. Historical-Cultural Neuropsychology: a systemic and integral approach of psychological functions and their cerebral basis. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 24, n. 1, p. 65-75, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190008>

SOUZA-CRUZ, T. C. "*Entrando pelo youtube*" – estudo discursivo da organização semântico-lexical: em foco a categorização. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

TESAK, J.; DITTMANN, J. Telegraphic style in normals and aphasics. *Linguistics*, v. 29, p. 1111-1137, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling.1991.29.6.1111>

TESAK, J.; NIEMI, J. Telegraphese and agrammatism: a cross-linguistic study. *Aphasiology*, v. 11, p. 145-157, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1080/02687039708248461>

VYGOTSKY, L. S. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009 [1934].

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1978].

WERNICK, C. *Der Aphasische Symptomencomplex: eine psychologische Studie auf anatomischer Basis*. Breslau: Cohn & Weigert, 1874.